

Recuperação e desenvolvimento do Vale do Rio Branco

J. M. DOS SANTOS ARAÚJO CAVALCANTI

Técnico de Administração

I

Sumário: 1 — Considerações iniciais. 2 — Introdução ao estudo do Vale do Rio Branco: fisiografia elementar da área estudada; a terra e seus habitantes; ligeiros rudimentos de geoeconomia territorial. 3 — Os problemas fundamentais na recuperação e desenvolvimento do Vale do Rio Branco: saúde, saneamento; educação; assistência à maternidade e à infância; produção, transportes, preços e custo de vida; serviços industriais; colonização; o elemento indígena; o Parque Nacional da Ilha do Maracá. 4 — Delineamentos de uma administração territorial objetiva: planejamento — imperativo das soluções práticas; a organização administrativa adequada ao Território Federal do Rio Branco. 5 — Considerações finais.

1 — CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ATUAL Território Federal do Rio Branco é uma entidade criada pelo Decreto-lei número 5.812, de 13 de setembro de 1943, abrangendo vasta região ainda pouco conhecida, desmembrada do Estado do Amazonas. A sua área compreende os Municípios de Boa Vista e Ca-
trimani, este último ainda não instalado.

Do ponto de vista jurídico e de acordo com dispositivo constitucional expresso, trata-se de área "administrada diretamente pela União". A União faculta-lhe os elementos existenciais de que carece. A União demarca o seu âmbito de ação e define as suas relações específicas no sistema federativo.

Entidade sem autonomia financeira, é ainda a União que lhe arbitra a dotação orçamentária mediante a qual se tornarão possíveis os seus esforços, no sentido da obtenção das finalidades que lhe foram prefixadas pelo Poder Central.

Em obediência ao estabelecido no art. 17 do Decreto-lei n.º 5.839, de 21 de setembro de 1943, que dispõe, em linhas gerais, sobre o seu regime

de administração, o 1.º Governador do Território Federal do Rio Branco apresentou ao Governo Federal — acompanhado de Relatório que tivemos a honra de elaborar — o Plano Quinquenal concebido para o referido Território após largo inquérito acompanhado de exaustivas viagens de inspeção, para estudo *in loco* dos problemas regionais e planejamento objetivo das providências a serem tomadas.

Os apontamentos que se vão ler condensam algumas das idéias expendidas no aludido Relatório, dentro do objetivo superior de proporcionar aos leitores da *Revista do Serviço Público* noções exatas sobre a longínqua região, sem pretensões a originalidades ou ao esgotamento do assunto.

Trata-se de uma singela contribuição ao estudo e debate dos problemas de administração territorial, constituindo a nossa preocupação maior o discutí-los com clareza, simplicidade e precisão, tendo em vista exclusivamente chamar, mais uma vez, a atenção dos nossos homens de governo para uma das questões fundamentais da nacionalidade: a recuperação e o desenvolvimento do grande Vale do Rio Branco, a vasta e remota "terra incógnita" a que se referia HAMILTON RICE (1).

Tivemos o privilégio de percorrer grande parte dessa região em companhia do Capitão Ene Garcez dos Reis, seu 1.º Governador, do cientista beneditino D. Alcuino Mayer e de um grupo de técnicos, cujas observações nos foram particularmente úteis e a quem somos profundamente gratos (2).

(1) RICE HAMILTON: "The Uraricoera-Parima Country is practically a "terra incógnita" in that very few have visited the region..." In "The Geographical Journal", London, Feb. 1928, págs. 2/3.

(2) Aproveitamos o ensejo para agradecer as informações e os auxílios que nos prestaram o engenheiro civil

Evitamos de propósito qualquer deslumbramento ou entusiasmo imoderado em relação à incalculável riqueza inaproveitada do Território Federal do Rio Branco: nada mais importante do que a imperturbabilidade na execução de qualquer pesquisa.

Entretanto, torna-se imperativo que o Brasil inteiro o saiba: essa enorme região poderia ser o celeiro da América equatorial e até, mesmo, uma pujante expressão de prosperidade econômica no continente. Infelizmente, porém, é com verdadeiro constrangimento que submetemos este pequeno ensaio prático de administração territorial à apreciação dos estudiosos.

Os resultados da investigação serena, meticulosa e sincera das condições atuais do Território que percorremos revelam uma miséria espantosa, em absoluto contraste com as possibilidades da terra. O que é mais grave, constituem uma demonstração inofismável do desleixo e da incapacidade dos homens responsáveis pelo triste estado de coisas.

Não há ignorar a dura realidade; à semelhança do velho Eça urge "rasgar o manto diáfano da fantasia".

Pareceu-nos, de fato, tenebrosa a situação do Território do Rio Branco; predominam os fatores negativos de tal maneira que se torna verdadeiro otimismo acreditar no futuro da região, caso o Governo Federal não venha em seu socorro imediato com técnicos, pessoal, material, suficientes recursos financeiros e uma nova legislação adequada à região.

E essa situação deplorável, consubstanciada na falta de hospitais, escolas, estradas, alimentos, iniciativas particulares e até mesmo segurança é, *mutatis mutandis*, o quadro real do extremo Norte, do Centro, Oeste e Nordeste. Tanto vale dizer, quase 3/4 da nação estão a exigir saúde, saneamento, ensino técnico-profissional, transportes, instrução, grandes obras públicas de irrigação, eletrificação rural, exploração racional dos recursos florestais, agropecuários e minerais.

Seria um crime contra os interesses superiores da Pátria e uma traição ao Governo Federal encobrir a realidade com relatórios cômicos de rosa ou

exuberâncias encomiásticas de patriotadas inopertunas.

O nacionalismo estreito gera uma atitude de pura contemplação do que possuímos e do que poderíamos ser, em contraste com as contingências amargas do mundo de hoje.

Muito mais grave, ainda, o excesso nacionalista produz uma atitude de desconfiança extrema a respeito de tudo quanto não é brasileiro, determinando uma absurda concepção de alheamento aos problemas do mundo e ensimesmamento dentro das nossas fronteiras.

O nacionalismo estreito é nocivo aos verdadeiros interesses do Brasil, porque repele os capitais de que tanto carecemos, expressos em créditos, máquinas, técnicos, imigrantes, turistas etc. — venham de onde vierem. Não precisamos mais aludir ao fato sobejamente conhecido de que, sòzinhos, com dotações orçamentárias exíguas, pouco nos será dado fazer na solução dos problemas amazônicos.

Tais problemas são reconhecidamente continentais; devem ser resolvidos, como é sabido, em articulação com os nossos vizinhos próximos e com a mais estreita colaboração possível dos amigos tradicionais de toda a nossa história e nossos melhores clientes comerciais — os Estados Unidos da América do Norte, o Canadá e a Inglaterra.

Conjugação de esforços, complementação econômica, auxílio e vantagens mútuas — tudo isso vale muito mais do que auto-suficiências problemáticas e preocupações passadistas de liderança. Estas considerações são oportunas por causa de tendência predominante dos últimos comentários feitos sobre os Territórios Federais, a de encará-los como um problema típico de pura defesa militar do país, e "medida" asseguradora da nossa inviolabilidade territorial.

Essa concepção unilateral ignora os recentes e formidáveis desenvolvimentos da arma aérea; se prevalecer, poderá transformar cada Território em um grande quartel...

Ora os Territórios recém-criados possuem transcendental significação administrativa, econômica e social, ultrapassando semelhante unilateralismo (para não dizer estreiteza de concepção).

Julgamos ser, provavelmente, um grave erro e uma negação da nossa fraternidade americanista o

Simplicio Rubim do Pinho; o agrônomo J. Corrêa Miranda; o veterinário Júlio Vaz Cerquinho; o dentista Aristeu Gonçalves Leite e os Srs. Cel. Adolfo Brasil e Homero Cruz, abastados fazendeiros no Território do Rio Branco.

sentido que se lhes quer dar, em determinados setores, de "linha Maginot", "faixa de segurança", "cinturão de defesa" externa do país e outros chavões idênticos, em contradição com as idéias fundamentais do discursos do Rio Amazonas, no qual o próprio Presidente Vargas, em outubro de 1940, prometeu auxiliar o surto do desenvolvimento da Amazônia inteira — sobre a qual pronunciou as seguintes palavras: "Sois a terra do futuro, o vale da promessa na vida do Brasil de amanhã".

Realmente, defesa contra quem? contra o que?

A verdade é que nenhum país sul-americano está em condições de atacar-nos.

O perigo, se existe, vem da Europa. Nesse caso, a zona vulnerável é que deve merecer prioridade na construção urgente de defesas: a costa do extremo norte e do nordeste.

Isto não impede que o Governo Federal tome uma providência que seria de incalculável alcance para a hinterlândia brasileira: enviar para os Territórios Federais e determinados pontos do Brasil Central pelo menos 30% do efetivo das nossas forças armadas — organizadas em Colônias Militares, nos pontos mais favoráveis adrede escolhidos. Essas Colônias Militares deveriam ser aparelhadas, de início, não com tanks, fusis ou metralhadoras, mas com jeeps, arados, tratores, picaretas, pás, enxadas, semeadeiras, cultivadoras, destocadores, foices, terçados, machados, britadores, medicamentos, etc. (3).

Grandes formações de trabalho num regime de alta remuneração e permanente assistência médica,

(3) A idéia é perfeitamente viável e altamente patriótica. Brasileiros dos mais eminentes formularam sugestões idênticas, bastando mencionar os nomes inesquecíveis de Euclides da Cunha, Alberto Torres, Rondon, Calógeras, Vicente Licínio Cardoso, Teixeira de Freitas. Efetivamente, se o Exército Americano construiu obras ciclópicas como, entre tantas, a já famosa Alaskan Highway; se o Exército Vermelho não só transportou para os Urais as fábricas da Ucrânia, mas, ao mesmo tempo, contribuiu fundamentalmente para levantar em Magnitogorski, a maior indústria siderúrgica do mundo — para mencionarmos uma, apenas, das grandes realizações da Rússia Moderna — não há razões que possam impedir o glorioso Exército de Caxias de se transformar num ainda mais glorioso e útil "Exército do Trabalho", verdadeiro dinamômetro propulsor do desenvolvimento nacional. Trata-se, aliás, de uma responsabilidade fundamental das Forças Armadas, responsabilidade tanto mais séria quanto maior é a percentagem dos recursos da Nação que elas absorvem.

odontológica, agrônômica, técnica, cultural — assentariam as bases de uma hinterlândia saneada, cortada pelas estradas indispensáveis ao escoamento da produção e abastecimento dos mercados consumidores, oferecendo aos seus habitantes atuais, aos futuros colonos e imigrantes, condições favoráveis de trabalho, abastança, bem-estar e, mais do que isto, perspectivas de prosperidade financeira.

Que ninguém se iluda: os maiores inimigos da nossa imensa hinterlândia ainda são os velhos males a que se referia o 1.º Governador da Amazônia no século passado, Tenreiro Aranha: analfabetismo, doenças, pobreza, desorganização, insulamento, — para só citar os que ressaltam logo à vista e ainda hoje, depois de tantos anos, chumbam as massas rurais à miséria.

Somos de parecer que a criação de Territórios deve objetivar, não uma defesa hipotética contra inimigos imaginários, mas, antes de tudo, o progresso sócio-econômico das regiões desertas para o engrandecimento e "posse efetiva" da terra; o povoamento, a imigração e a colonização dessas vastas áreas vazias: a exploração de novas riquezas: a industrialização para aumento da capacidade aquisitiva da população; em síntese, a melhoria do padrão de vida das populações marginais por meio de medidas práticas de organização da produção e grandes obras públicas (engenharia sanitária, estradas, construção em massa de casas baratas e confortáveis, centros de saúde, escolas técnico-profissionais, ensino rural, montagem de indústrias básicas, entre outras).

A fim de que o Brasil seja, efetivamente, uma expressão de força militar e se possa defender com rapidez e eficiência, cumpre, em primeiro lugar, suscitar condições favoráveis ao seu desenvolvimento industrial, ao aproveitamento dos seus recursos, à melhoria do nível de saúde e de cultura de seus habitantes.

Nenhum exemplo documenta melhor a razoabilidade e veracidade incontestáveis deste ponto de vista do que a transformação impressionante do Canadá: em pouco mais de 4 anos esse admirável país, completamente desprovido de significação militar, se transformou numa potência militar mundial, com uma produção industrial só comparável à dos Estados Unidos, Rússia e Alemanha.

E' que o Canadá não possui analfabetos em percentagem apreciável; o seu povo é sadio e instruído — daí sua extraordinária capacidade produtiva; seus transportes são abundantes, rápidos e baratos; seu regime de administração, adaptado às suas condições peculiares, sem excessos de centralização estranguladores da autonomia local. Entretanto, contrariando esses fatores positivos, o Canadá encontra no baixo coeficiente demográfico um tremendo obstáculo ao desenvolvimento do seu vastíssimo território. Prático, sem messianismos ou alucinações patrióticas, o povo canadense procurou suprir suas deficiências pela utilização mais inteligente dos seus recursos econômicos; industrialização intensiva e descentralizada; organização e trabalho ininterrupto; eliminação sumária da "exploração" de condições anormais decorrentes do estado de guerra; mobilização integral do "manpower" — utilizadas até mulheres e crianças; intensificação do ensino industrial.

O esforço do Canadá foi gigantesco, absolutamente em desproporção com a sua população, mas os resultados ultrapassaram qualquer expectativa e constituem uma valiosa advertência para o Brasil, que é também, à semelhança do Canadá, um país imenso, despovoado, vulnerável. A coragem para os empreendimentos arrojados e uma técnica racional de administração poderão fazer pelo Brasil o que fizeram pelo Canadá (4).

(4) Documentando esse ponto de vista, transcrevemos os seguintes trechos de um primoroso artigo do Sr. JÉAN DÉSY sobre "O Canadá de ontem e de hoje". Escreveu o eminente Embaixador canadense:

"O Canadá é um país de 9.000.000 de quilômetros quadrados e uma população total de 11.500.000 habitantes. E' um nação pacífica e trabalhadora. Quando digo pacífica, refiro-me aos tempos de antes da guerra quando, em nossa fronteira terrestre e ininterrupta de 5.000 quilômetros não havia canhões nem construções de defesa militar, e nossa milícia compreendia 5.000 homens, isto é, um homem por quilômetro, supondo que estivessem todos eles colocados em pontos estratégicos equidistantes. Esta milícia era formada de voluntários, pois o serviço obrigatório, em tempo de paz, não existia.

"Elevava-se nossa força aérea a 4.000 homens, dos quais um grande número era empregado na vigilância das florestas, trabalhos meteorológicos e cartografia aérea.

"Nossa marinha mercante compreendia navios espalhados por todos os mares. Quanto à nossa marinha de guerra, ocorre-me agora uma anedota. Quando se discutiu em Genebra a questão do desarmamento, senti-me profundamente embaraçado com o projeto de redução na tonelagem das marinhas de guerra, e tive de confessar que o Canadá não poderia aceitar a redução proposta, de vez que nossa marinha de guerra contava ao todo com três navios; um no Atlântico, outro no Pacífico, e o terceiro,

Esta digressão explica-se por si mesma; os nossos governantes devem ir-se acostumando à idéia de que o trabalho a realizar é de proporções fantásticas, apresentando dificuldades inacreditáveis. Não será pois, com processos arcaicos e morosos que o Governo Federal conseguirá sanear, povoar, educar, desenvolver e integrar na comunidade nacional 3/4 partes do Brasil, conquistando-as, de fato, para a civilização.

O senso prático dos que conhecem essas 3/4 partes do Brasil aconselha a sua fragmentação em novos Territórios, além dos recém-criados, para redução "espacial" dos problemas e sua localização em setores restritos, simplificando e apressando as soluções segundo ordens de urgência prefixadas.

Em seguida, eliminadas quaisquer suntuosidades ou espetaculosidades inúteis, tomar-se-iam providências em 2 planos, simultaneamente:

a) organização administrativa da nova unidade e seu aparelhamento completo (pessoal, financiamento, motores, máquinas, instrumentos de trabalho).

b) medidas preliminares imediatas sobre a propriedade rural, o cultivo da terra, a criação de

fora de uso, nos estaleiros. Bem podeis compreender o meu empenho em proteger essa esquadra de dois navios, sem querer desguarnecer nenhuma das nossas costas.

"Chegou a guerra. O Canadá decide livre e voluntariamente participar do conflito, a exemplo do que já fizera em 1914, quando perdemos 60.000 homens, isto é, tanto quanto os nossos vizinhos dos Estados Unidos da América.

"Chegou a guerra de 1939. O Canadá entrega-se ao trabalho, de corpo e alma. Homens, mulheres, velhos, crianças. Povo pacífico, é fato; mas quando é preciso lutar para a salvação de um interesse superior, nada nos mete medo.

"Qual é a situação atual?

"700.000 homens estão pegando em armas. Ontem ainda, estes militares eram estudantes, médicos, engenheiros, agricultores, guarda-livros, caixeiros. E estes 700.000 homens representam 35% de nossa população masculina de 18 a 45 anos de idade.

"Há alguns dias, escreveu um jornalista alemão, Arno Dohm, no "Berliner Borsenzeitung":

"Antes da guerra, a marinha canadense provocava um sorriso de ironia. Hoje, esta mesma marinha é um colosso cujos pés não são de barro".

"E o autor, que ninguém poderá acusar de parcialidade, estuda os desenvolvimentos rápidos de nossas construções navais. Em junho do corrente ano, tínhamos 700 navios de guerra em serviço ativo, com 75.000 homens de tripulação. A marinha canadense ocupa hoje o terceiro lugar entre as das Nações Unidas, e o quarto entre as do mundo. Sete oceanos são o seu campo de operações. Seu principal papel, entretanto, é a proteção de comboios no Atlântico Norte, que ela defende com seus "destroyers"

gado, as indústrias extrativas locais, o ensino profissional, saneamento, assistência médica e colonização.

E' preciso não mais procrastinar o encaminhamento dessas providências salvadoras; protelar, é no caso, agravar a situação alarmante da hinterlândia.

As dificuldades são imensas — vale a pena repeti-lo — e não comportam soluções gerais, esboçadas à distância, nos confortáveis gabinetes da Esplanada do Castelo, Cinelândia ou Avenida Rio Branco.

Tôdas as soluções têm de ser traduzidas em programas de trabalhos simples, práticos, exequíveis, escoimados de fantasias, estreitamente ligados ao lugar.

E é isto o que se tentou fazer para o Território Federal do Rio Branco com o Plano Quinquenal já encaminhado ao Governo Federal e que só foi elaborado depois do inquérito levado a efeito sobre o binômio "condições atuais-possibilidades".

Os esforços devem ser proporcionais às dificuldades existentes: o caso brasileiro indica que a energia a despendar tem de ser semelhante à dos

e corvetas, assegurando-lhe a chegada ao Reino Unido. A Marinha canadense, só ela, forneceu 50% de todos os navios-comboios que se destinam à Europa. Os navios canadenses são assinalados uns em Kiska, outros no Mediterrâneo e na Baía de Biscaya. Duas de nossas flotilhas auxiliaram o desembarque do VIII Exército na Sicília, e nossas canhoneiras fazem parte da esquadra dos "Mosquitos" no Canal da Mancha.

"Nossas forças de terra não estão inativas. Vêmo-las violentamente empenhadas em todos os "fronts" e sempre em postos avançados. Encontram-se sucessivamente em Hong-Kong, na Birmânia, no Alasca, na África do Norte, na Sicília, na Itália; em Dieppe perdemos cerca de 4.000 homens, sendo canadenses cinco sextos dos efetivos alistados.

"Conheceis o papel representado pelos meus compatriotas, na hora atual, na libertação da França.

"Passemos agora às nossas forças aéreas. A Real Força Aérea Canadense dispõe atualmente de 200.000 aviadores magnificamente treinados cuja presença é conhecida em todos os teatros de guerra. Esta cifra não inclui o pessoal de terra, superior em número ao pessoal do ar, e que compreende: mecânicos, eletricitas, meteorologistas, etc., entre os quais devemos contar 16.000 mulheres. O casal Jean Baptista Senez tem nove filhos alistados em nossa força aérea.

"Contamos com aviadores em número suficiente para prover 400 esquadrilhas. Uma grande proporção de nossos efetivos integra as forças da R.A.F., repartidos pelo mundo inteiro em diferentes formações de bombardeio, combate, reconhecimento. Mas o soldo, as despesas de manutenção e de armamento, correm por conta do Canada. Nossos aviadores batem-se em todos os céus e já há muito conhecem o caminho que conduz à Alemanha e aos ter-

canadenses ou dos russos, no desenvolvimento das terras geladas e despovoadas do Ártico.

"As construções de gabinete são paliativos apressados que não surtirão efeito"; da mesma maneira, não adianta criar Territórios para estrangulá-los, de início, nas aperturas de dotações orçamentárias demasiado exíguas, negando-se-lhes a oportunidade de alcançar os objetivos para que foram criados.

Que se concedam aos Territórios os recursos de que eles tanto precisam; havendo desonestidade na sua aplicação, ou, caso não sejam aplicados consoante os planos elaborados — que se castiguem os responsáveis com prisão, confisco dos bens e execração pública.

Os leitores não encontrarão neste pequeno ensaio, revelações sensacionais; a matéria nêle contida é sobejamente conhecida dos nossos estudiosos. Todo o trabalho foi elaborado em caráter, pode-se dizer, experimental e se destina a servir como base de estudos para que o D.A.S.P. e demais órgãos federais responsáveis, fixem, posteriormente, a fórmula mais conveniente de administração territorial. Trata-se, pois, de um trabalho sugestivo e não exaustivo ou definitivo, tendo como objetivos principais:

- a) dar uma compreensão exata da área investigada e seus problemas;
- b) possibilitar, em função da análise efetuada, a esquematização de programas de trabalho;

ritórios ocupados. Nossa aviação, num único "raid" sobre Hamburgo, deixou cair uma tonelagem de bombas cinco vezes mais elevada do que a lançada sobre Londres pelos alemães, no mais violento de seus "raids".

"São os nossos pilotos de guerra que escoltam as "Fortalezas Voadoras" americanas, e voam por cima dos comboios do Atlântico. A este respeito, convém observar que, durante 1943, os nossos rapazes voaram sobre o Atlântico durante cerca de 200.000 horas, o que ultrapassa vinte vezes o número de horas em um ano, ou, em outros termos, o que representaria para um só avião um vôo ininterrupto de vinte anos.

"Já todos vós quistes falar de nosso plano de treinamento aéreo (em inglês, "British Commonwealth Air Training Plan"). O Canadá, que o Presidente Roosevelt qualificou de aeródromo da democracia, é uma gigantesca escola de aviação com 150 centros de treinamento de um canto a outro do país, e mais de 10.000 aviões de treinamento. Somando-se os quilômetros de vôo de treinamento, o total representa para um único dia uma distância equivalente a oitenta vezes a volta do mundo no Equador ou, em outras palavras, 3.200.000 quilômetros por dia. E, se quiserdes ir mais além nesta fantasia matemática, vereis que isto representa em um mês 260 viagens à lua e desde 1940, 80 viagens ao sol.

"As mulheres não são menos patrióticas que os homens e, nos serviços auxiliares de nossas três armas, há

c) fazer algumas recomendações de interesse para o Território de um modo geral e os seus habitantes em particular;

d) lançar as bases da estruturação econômica territorial num sentido de justiça, estabilidade, solidez e equilíbrio.

O feliz ensejo da viagem que empreendemos em missão oficial do D.A.S.P., revelou-nos o que já conhecíamos através de leituras: essa imensa região equatorial brasileira é pertitamente habitável e os seus problemas podem ser resolvidos; contra a inteligência e a técnica não prevalecerão os atuais fatores negativos consubstanciados na sequência monstruosa: ignorância — doenças — pobreza — insulamento. Não só o Território Federal do Rio Branco mas 3/4 partes do Brasil exigem iniciativas e providências idênticas e apelam para os órgãos federais que possam acudir-las. O planejamento efetuado para o Território Federal do Rio Branco é uma experiência valiosa que poderia ser estendida aos demais Territórios e às administrações locais do país.

Antes de iniciados os trabalhos da organização administrativa, da elaboração da proposta orça-

50.000 alistados. Nossas companheiras são encontradas nas usinas, nos campos, nos serviços públicos, partindo para onde quer que a sua presença possa libertar ou completar o trabalho do homem.

"Tratemos agora do que se nos apresenta como o mais paradoxal no esforço de guerra do meu país. Retorne-me a sua produção e as suas finanças.

"O Canada, que é uma nação pacifista, tornou-se uma potência militar mundial, e um decimo de nossa população acna-se empregado na produção de guerra. Ainda aí, nosso esforço toca ao paradoxal. Está em desproporção com a nossa população. Teriam sido necessários vinte e cinco anos normais de progresso constante para fazer chegar nossa industria ao ponto em que se encontra atualmente. Poupar-vos-ei o tormento de listas de produtos e correspondentes cifras. Contentar-me-ei com os exemplos que se seguem:

"700.000 veículos militares saíram de nossas usinas. Se os puserdes em linha, formarao eles como que um trem ininterrupto daqui até lá, isto é, do Rio de Janeiro a Montreal. De nossos estaleiros navais saíram 500 navios de guerra e 250 navios mercantes.

"Nossas fábricas produziram mais de 12.000 aviões, 30.000 "tanks", sem mencionar canhões, fuzis, 1.000.000 de metralhadoras, que fazem do Canadá a quarta potência produtora das Nações Unidas. Basta a nossa produção para ajeitar um cartucho na barriga de cada alemão ou enfiar a cabeça de cada japonês com uma bomba ou uma granada.

"O esforço que expus foi custoso. A despesa total desde o começo da luta alcançou a soma de quinze bilhões de dólares e o orçamento federal para 1943/44 monta a 5.545.000.000 de dólares contra 500.000.000 dos orgamentos anteriores à guerra. O financiamento do conflito consome 88% do orçamento para 1944.

mentária para 1945 e do planejamento geral da ação do governo territorial nos mais diversos setores — através da instituição do mencionado Plano Quinquenal — procurou-se estudar o Território sob os aspectos mais importantes.

Dessa maneira, fêz-se minuciosa investigação das condições especiais do Território, em face dos dados de ordem geo-física, geo-econômica, antropogeográfica, sócio-política, colhidos "in loco" e com as maiores dificuldades.

Foram considerados elementos necessários para qualquer iniciativa posterior de acôrdo, aliás, com as recomendações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística:

"a) o estudo das penetrações e a fixação dos primeiros habitantes no Território;

b) procedência, intensidade e fatores positivos ou negativos, no desenvolvimento desse povoamento;

c) os núcleos atuais de população, sua composição e atividades sócio-econômicas;

d) relevo do solo, flora e fauna, clima e ventos predominantes;

e) rios principais e possibilidades de aproveitamento do potencial hidro-elétrico do Território;

"Há dois caminhos abertos para um país sobrecarregado com tamanho peso financeiro — a estrada suave que consiste em acumular enormes "deficits" cobertos por empréstimos bancários e crescentes emissões de dinheiro, estrada esta que conduz à inflação desastrosa e onera pesadamente as futuras gerações; e a estrada mais árdua que exige elevada tributação, empréstimos ao governo feitos com sua própria renda comum pelos indivíduos, racionalmente e controle de preços. O povo e o governo canadense decidiram seguir o caminho mais aspero e aproximadamente 60% de todos os gastos desde o começo da guerra foram cobertos pela renda de imposto e o restante cobido por empréstimos ao governo a taxas de juros bem baixas, de 3,5% no máximo.

"O imposto anual que cada homem, mulher e criança paga presentemente no Canada é calculado em 500 dolares, que equivalem a Cr\$ 10.000,00. O exemplo que se segue dá uma ideia do peso do imposto federal de renda atualmente em vigor. Duma renda bruta de 10.000 dólares restam ao contribuinte, após o pagamento do imposto de renda, 7.086 dólares nos Estados Unidos, 5.530 na Grã-Bretanha e 4.888 no Canadá. Deste saldo ainda devem ser pagos os demais impostos provinciais e municipais de várias espécies, além de outros elevados impostos indiretos. O imposto sobre lucros extraordinários é facilmente calculado, pois a taxa é de 100%. Este imposto é cobrado em adição ao de 12% sobre o total dos lucros e ao de 18% sobre a renda total de toda corporação ou sociedade por ações.

"Apesar da tremenda carga financeira, sustentada pelo Canadá, foi decidido em 1942 fazer um donativo à Grã-

f) recursos florestais, agro-pecuários e minerais;

g) transporte, comunicações, navegabilidade dos rios”.

Além disso, mereceram estudos especiais as difíceis questões relacionadas com saúde, instrução, assistência à maternidade e à infância, produção, colonização, transportes, segurança territorial, obras públicas e serviços industriais.

A organização administrativa sugerida para o Território veio “a posteriori”, como uma conclusão lógica decorrente desse estudo e foi concebida em função de 2 planos principais:

- a) o plano “ideal” dos objetivos finais a atingir;
- b) o plano “real” do que poderá e deverá ser feito desde já, isto é, a partir de 1945.

A organização administrativa — de início extremamente simples e reduzida em 1945 a um mínimo de pessoal e material — desenvolver-se-á pouco a pouco no sentido da organização final a ser

Bretanha de 1.000.000.000 de dólares para a compra, no Canadá, de material bélico, gêneros alimentícios, etc. No último ano fiscal, idêntica soma foi votada, mas os seus benefícios foram extensivos a outras Nações Unidas.

“O oitavo empréstimo de Guerra do Canadá acaba de ser concluído e não obstante os pesados sacrifícios financeiros anteriores, este empréstimo foi novamente subscrito em excesso, como em cada um dos casos precedentes. O objetivo do empréstimo era de 1.100.000,00 de dólares e a subscrição, até hoje, alcançou a soma de 1.356.000.000. Quase metade deste enorme total foi obtida de subscritores individuais espalhados por todo o território canadense e merece realce haverem as forças armadas, no Canadá e no exterior, excedido amplamente as suas quotas, contribuindo com cerca de Cr\$ 1.000.000.000,00. Neste particular, convém lembrar que, em regra geral, é mais fácil a um homem dar a própria vida do que o seu dinheiro.

“No domínio do controle de preços, o Canadá tem sido excepcionalmente bem sucedido, tendo o custo de vida subido unicamente 1%, em 1943. Estes resultados tão satisfatórios, somente foram possíveis graças à sincera cooperação do próprio povo canadense.

“Estes sacrifícios financeiros permitiram ao Canadá fazer face ao tremendo custo do seu esforço de guerra, sem o recurso de qualquer acordo de empréstimo e arrendamento. Todo o material bélico e equipamento adquiridos pelo Canadá a outras nações foram pagos a dinheiro ou em espécie.

“Os alemães são insensatos. Se não o fossem teriam meditado sobre as palavras dos sábios. Teriam compreendido vosso grande Rui Barbosa que declarou em outubro de 1917:

“A história desta guerra nos mostra, de um modo eloquente, a inutilidade absoluta das organizações da força diante da resistência dos elementos liberais contra elas congregados”.

atingida em 1949, acompanhando o progresso natural do Território.

São de tal modo insofismáveis as vantagens oriundas do planejamento no setor da administração pública — em países como o nosso, assoberbados por dificuldades de toda sorte — que foi resolvido, em face das necessidades imediatas do Território e da experiência feliz de povos mais adiantados do que o nosso, subdividir o Plano Quinquenal Territorial nos seguintes setores principais (sub-planos):

- desenvolvimento gradual dos órgãos da administração,
- desenvolvimento progressivo do pessoal,
- aquisição de material,
- obras e equipamentos,
- transportes (rodoviário, fluvial, aéreo),
- colonização.

Por fim, elaborou-se a proposta orçamentária para 1945.

O caráter excessivamente sintético destas notas pode ser atribuído ao curto prazo em que foram escritas; aliás só se tornou possível escrevê-las por causa da preciosa cooperação de diversos pesquisadores interessados na maior divulgação de fatos bem como no início imediato dos trabalhos relativos à recuperação e desenvolvimento do Vale do Rio Branco.

“Em novembro de 1918, acrescentava o mesmo Rui Barbosa:

“Todas as leis são violáveis, e todas as leis são violadas, a começar pelas leis divinas. Não deixam, entretanto, de existir, e a sua existência, de dia em dia, se afirma cada vez mais forte, precisamente contra aqueles que se empenham na vaidade estulta de aniquilá-las”.

A Providência ensina aos homens sem fé que: “neste mundo só há uma grandeza permanente e eterna, que é a da verdade, a da justiça e a da moral divina”.

“Os alemães serão vencidos e justamente punidos, por não haverem temido a virtuosa cólera dos serenos, aos numídes e dos pacifistas de quem Ovídio já dizia:

“Quam libet infirmas adjuvat ira manus”.

“Por mais fraca que seja a mão, a cólera dá-lhe força”.

“Nesta guerra em que, com os corações palpitantes de emoção e reconhecimento, acolhemos nossos irmãos de armas do Brasil, mostraremos novamente a irredutível e vingadora onipotência da justiça e da liberdade, sobre os quais a barbárie e a fúria jamais poderão prevalecer”.

Rio, “Jornal do Comércio”, 10-9-44. — Embaixador Jean Désy.

É lógico que em trabalhos desta natureza poder-se-ia exigir maior amplitude, mais pormenores, melhor acabamento. Não o permitiram, porém, as condições inimagináveis do Território, a falta total de conforto e de instalações de qualquer espécie. Não apenas dificuldades de transporte, mas o perigo constante da malária que a atebriização quotidiana e a proteção mecânica dos mosquiteiros não conseguiram eliminar de todo. Para que se tenha idéia da extensão desse perigo é suficiente dizer que quase todos os membros da comitiva do governador foram atacados pelo terrível flagelo da "terça maligna", que lá se reveste de virulência e extrema periculosidade.

Apesar desses obstáculos o material colhido indica a intensidade do esforço efetuado e representa a primeira tentativa séria, com dados realmente objetivos, de equacionamento e solução dos problemas do extremo setentrão brasileiro em termos de sua recuperação e desenvolvimento sócio-econômico.

Semelhante material basta para revelar com precisão, clara e sinteticamente, a situação geral do Território na variabilidade dos seus aspectos.

E essa situação — convém repeti-lo — é alarmante. Uma situação desesperadora consoante a expressão bem triste do eminente amazonólogo que foi Hamilton Rice, a se referir à imensa área banhada pelas águas do Rio Branco e seus afluentes: "um paraíso aonde vive pobrementemente um povo infeliz".

2 — INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO VALE DO RIO BRANCO

FISIOGRAFIA ELEMENTAR DA ÁREA ESTUDADA

Em síntese os dados da fisiografia elementar da área estudada são os seguintes:

a) **Limites** — O Território Federal do Rio Branco fica enclavado no extremo setentrão brasileiro entre a Venezuela, a Guiana Inglesa, os estados do Amazonas e Pará.

São seus limites:

— a Oeste, Norte e Leste, com a República da Venezuela e Guiana Britânica.

— A Sueste e Sul, o rio Jamundá ou Nhamundá, da sua nascente principal na serra Massari até o paralelo da nascente principal do rio Alalaú,

seguindo por esse paralelo até alcançar a referida nascente; rio Alalaú até a sua foz no Jauaperi, descendo por esse até a foz do rio Negro e por este rio acima até à foz do rio Jufari;

— A Sudoeste, o rio Jufari desde a sua foz até a sua nascente principal; o divisor de águas entre os rios Demeni e Xeruiú; desde a nascente principal do Jufari, até ao divisor de águas entre o Demeni e Catrimani, este divisor até encontrar o paralelo que passa pela nascente principal do Catrimani; e seguindo por este paralelo até a serra Parima (limites fixados pelo Decreto-lei número 6.550, de 31-5-44).

b) **Superfície** — A área desmembrada do Estado do Amazonas que passou a constituir o Território mede, aproximadamente, 250.000km²

c) **População** — Mais ou menos 15.000 habitantes.

A percentagem de habitantes por km² é de 0,06.

d) **Clima** — Na região dos campos gerais a temperatura oscila entre 24° e 28° durante o dia e 20° a 24° durante a noite. Não há dados sobre as temperaturas máxima e mínima do baixo Rio Branco; trata-se, porém, de uma região quente e super-húmida.

e) **Aspecto Físico** — O Território compreende 3 grandes sub-regiões características com relevo diferenciado, culturas próprias e suas peculiaridades, geoeconômicas e antropogeográficas bem definidas:

— o Baixo Rio Branco

— o Alto Rio Branco

— a Região Montanhosa.

De acordo com os últimos estudos da Comissão de Limites as montanhas do Território pertencem a 2 sistemas orográficos principais:

— o da Cordilheira do Parima

— e o da Cordilheira do Paracaima.

Os rios se distribuem em uma rede potamográfica bem complexa, apresentando centenas de ilhas, algumas delas extraordinariamente importantes, como por exemplo, a Ilha do Maracá, formada pela bifurcação do Uaricoera no alto Rio Branco e enormemente rica em madeiras.

As águas do Território pertencem tôdas à bacia do Rio Branco. A cerca de 40 quilômetros de Boa Vista o Rio Branco curva-se e sobe para o noroeste passando a chamar-se Uraricoëra e recebendo um dos seus maiores afluentes, o Tacutu, o qual, por sua vez, recebe as águas do Maú, Cottingo, Surumu, Quinô, além de outros.

À jusante de Boa Vista, o proveniente do centro-este, desce o caudaloso Mucajaí, rio de extraordinário futuro para o Brasil pelos indícios incontestáveis de petróleo que apresenta. Tal é, nas suas grandes linhas a fisiografia elementar do Território.

O RIO BRANCO

Tendo as suas cabeceiras semi-ignoradas na cadeia do Parima o Rio Branco constitui uma bacia hidrográfica própria, diferente, pelos seus aspectos geofísicos, do conjunto da bacia amazônica da qual aliás, é tributário.

O Baixo Rio Branco está separado do Alto Rio Branco pelas rochas gneiss-graníticas das cachoeiras do Bem Querer e Cujubim, à montante de Caracarái.

O Rio Branco é formado pela junção dos rios Tacutu e Uraricoëra, à jusante da Fazenda Nacional de São Marcos.

São seus afluentes principais:

— à margem direita, o Cauamé, o Mucajaí, o Catrimani e o Xeruni;

— à margem esquerda, o Quitauaú, o Cachorro e o Anauá.

Ao longo de todo o eixo principal do Rio Branco há uma faixa aluvionar de extensão variável, geralmente de natureza argilosa ou sílico-argilosa.

O regime das águas é impreciso, havendo enchentes periódicas que alagam as margens baixas, tornando o saneamento dos terrenos alagadiços muito difícil, pela dificuldade de drenagem com revestimentos ou de qualquer outro tipo de engenharia-sanitária.

O Rio Branco torna-se semelhante aos rios amazônicos a partir de Caracarái por causa da multiplicidade dos furos, igarapés, paranás, igapós e pelos fenômenos de assorimento, erosão, destruição das faixas aluvionárias; em suma, pela ação geodinâmica das águas num trabalho incessante de modificação dos barrancos e terrenos adjacen-

tes. A vegetação que povoa o Baixo Rio Branco é tipicamente amazônica: seringueiras, castanhais, balatais, cumarusais, timbós, imbaubais e toda a luxuriante vegetação do grande vale.

Não há estudos profundos sobre a estrutura geológica predominante do Território. O explorador norte-americano Hamilton Rice, — talvez o maior conhecedor dessa imensa região abandonada e quase desconhecida do resto do Brasil — acredita numa predominância granítico-gneissica.

Um fenômeno, porém, de importância transcendental para os destinos do Território se observa no Uraricoëra: a queda de altitude — determinando a descida caudalosa desse rio e seus afluentes no sentido NO — S, para a bacia do Rio Branco — *produz um potencial hidroelétrico que Hamilton Rice classifica entre os maiores do mundo*. Todos os rios que descem do extremo norte do Território para a planície do Baixo Rio Branco apresentam elevadíssimo potencial hidroelétrico. Bastaria o aproveitamento dos Saltos do Tepequem (150 mts. de altura provavelmente) e da Cachoeira do Paredão (esta no rio Mucajaí, a menos de 80 kms de Boa Vista e com 50 mts. de altura) para abastecer todo o Território de energia elétrica abundante. E tôdas as águas do Território sofrem profundas alterações com o regime de cotas pluviométricas grandes; as chuvas são constantes e violentas, a massa líquida é imensa e a floresta, na sua enormidade, também muito contribui para aumentar o grau de humidade da região.

O Rio Branco é bastante piscoso: no seu leito abundam o pirarucu, o tambaqui, o tucunaré e o jandiá (este último considerado o mais saboroso peixe de toda a Amazônia). Nas suas margens e em alguns dos seus afluentes há grande quantidades de tartarugas que vão sendo impiedosamente exterminadas pelos habitantes da região.

Em toda a bacia do Rio Branco há, ainda, quantidades apreciáveis de animais silvestres tais como antas, veados, lontras, capivaras, onças e outros semelhantes.

A TERRA E SEUS HABITANTES

No Território do Rio Branco, a distribuição da população se faz ao longo dos rios, tal como em toda a Amazônia, porque os rios facilitam os transportes, fornecem água, peixes para alimentação e

durante a vasante, margens adubadas para culturas de ciclo vegetativo rápido.

As terras apresentam porém, possibilidades variáveis e facilidades também variáveis de exploração das riquezas florestais: daí as peculiaridades que caracterizam os agrupamentos humanos encontrados no Baixo Rio Branco, no Alto Rio Branco da Região Montanhosa do extremo norte.

As peculiaridades dessas 3 regiões fisiográficas diversas determinaram diferentes tipos de conduta e exploração econômica, verdadeiras mentalidades diferentes; tanto mais diferentes entre si quanto mais diferentes as condições mesológicas. Se não, vejamos.

BAIXO RIO BRANCO

O Baixo Rio Branco apresenta tôdas as características fundamentais da Hyloea amazônica. É a região das imensas florestas equatoriais, as chamadas matas gerais quentes e super-húmidas.

Os habitantes do Baixo Rio Branco vivem à ilhargá desse rio, seus afluentes e sub-afluentes, extraindo das florestas adjacentes, os produtos nativos de valor econômico — borracha, balata, copaíba, castanha, cumaru, chiclet, madeiras, timbó, — em resumo, *levam uma vida de mero extrativismo florestal*.

Esses habitantes procuraram nas margens do Rio Branco ou de seus afluentes principais, lugares que apresentassem vantagens:

- a) em relação à facilidade de transportes;
- b) que oferecessem maiores garantias quanto à existência de produtos alimentícios indispensáveis à vida (tais como peixes — pirarucu, jandiá, tambaqui — e caça fácil);
- c) no que diz respeito à quantidade de madeira própria para construção, etc.

Esta é a razão pela qual as cabeceiras dos altos rios no Território do Rio Branco são quase sempre inexploradas, em oposição à ocorrência de adensamentos demográficos infalivelmente na foz dos rios mais importantes ou nos pontos de passagem obrigatória das embarcações fluviais.

É fácil verificar durante uma viagem ao longo do Rio Branco os núcleos demográficos seguintes:

1) Sta. Maria do Boiaçu — um adensamento de quase 100 pessoas explorando os rios e igarapés das proximidades;

2) Rio Xeruini — quase 150 pessoas;

3) Foz do Rio Catrimani — mais ou menos 160 pessoas vivendo na ilha do mesmo nome;

4) S. José do Anauá — adensamento situado na boca do rio do mesmo nome, com cerca de 200 habitantes;

5) Caracará e Vista Alegre — os dois adensamentos mais importantes do Baixo Rio Branco; Vista Alegre se encontra a 10 kms. à jusante de Caracará e tem, aproximadamente, 80 habitantes.

Caracará é o mais importante núcleo demográfico do Baixo Rio Branco; tem cerca de 40 habitações e talvez 400 habitantes. É ponto de transbordo obrigatório. Em Caracará tem início a rodovia para Boa Vista e começa a transição para o alto Rio Branco. (Os Campos Gerais do Rio Branco começam a aparecer logo acima do Rio Mucajá, um pouco à montante de Caracará).

A gente que vive nesses lugares mencionados procurou, infelizmente, locais pouco favoráveis à vida porque tais pontos são, quase sempre, atingidos pelas cheias periódicas do Rio Branco, em zona alagadiça extremamente insalubre e de saneamento quase impossível.

O Baixo Rio Branco contém, aproximadamente, 10% da população total do Território.

Com exceção dos moradores de Caracará e Vista Alegre, que estão mais ou menos agrupados, os outros são pouco mais do que nômades, vivendo afastados uns dos outros, dias e dias de canoa, num insulamento doloroso.

ALTO RIO BRANCO

Pode-se afirmar, sem receio de erro, que 80% dos habitantes do Território se encontram nessa região limitada ao norte pelos primeiros degraus Maciço Guiano, à leste pela Guiana Inglesa, ao sul pelos rios Mucajá e Quitauá. Os principais núcleos demográficos nesse âmbito são os seguintes:

1) Boa Vista, capital do Território com mais de 2 mil almas;

2) Ao longo do Uraricoera, desde a Fazenda Nacional de S. Marcos através das localidades

denominadas Mururpu, Passarao, Aparecida e, após a Ilha do Maracá até o alto rio Majari há alguns pequenos agrupamentos;

3) Rio Surumu, Boca do Rio Maú, Alto Tacutu e Rio Parimé.

O Alto Rio Branco constituiu a zona da pequena agricultura e da pecuária.

Os mesmos imperativos geoeconômicos de facilidade de acesso e facilidade de alimentação chumbaram esses adensamentos humanos à margem dos rios Uraricoéra, Majari, Parimé, Surumu, Cotingo, Maú, Tacutu.

É a zona de maior concentração demográfica do Território, fixada em terras firmes férteis e ricas, praticando uma agropecuária elementar de modestas proporções.

REGIÃO MONTANHOSA

A Região Montanhosa ocupa uma estreita faixa no extremo norte do Território do Rio Branco, ao pé dos contrafortes do sistema orográfico guiano e é dotada de elevações de grande altitude.

Os núcleos de população dessa região são constituídos por aventureiros atraídos pela fascinação das jazidas de ouro e diamantes exploradas de alguns anos para cá. Os grupos mais importantes se encontram na faixa diamantífera e aurífera formada pelos contrafortes do sistema orográfico guiano e igarapés que descem para o Rio Branco:

- a) Tepequem, na serra do mesmo nome;
- b) Rios Alto-Surumu e Meang;
- c) Rios Maú, Quinô e Cotingo.

Nessa região não há agricultura nem pecuária: só a exploração dos diamantes e do ouro é que consegue atrair os forasteiros.

É impossível precisar o número dos que entram e saem todos os anos nesse trecho do Território: são aventureiros semi-nômades, alguns de nacionalidades diferentes, possuídos da miragem da riqueza fácil.

Em todo caso, como se trata de uma região riquíssima não só em minérios mas, ao mesmo tempo, em recursos naturais variados de flora e fauna — é provável que, dentro de poucos anos, quando houver maiores facilidades de acesso, seja a Região Montanhosa do Território do Rio Branco uma das mais ricas de todo o Brasil.

Em resumo, o Território do Rio Branco apresenta 3 regiões perfeitamente caracterizadas e completamente diversas entre si, decorrendo daí peculiaridades antropogeográficas curiosas:

a) o Baixo Rio Branco definido pela floresta equatorial super-húmida e quente, determina para os núcleos humanos mal fixados que lá se encontram uma vida de puro extrativismo florestal rudimentar;

b) o Alto Rio Branco, o qual, a partir dos rios Mucajai e Quitauaú apresenta a *notável singularidade de 50.000 km² de Campos Gerais semelhantes aos Pampas argentinos — porém mais belos. Os Campos Gerais prefixam, para os núcleos que lá se adaptaram o destino de uma civilização nitidamente agropecuária.*

Aliás é essa imensa área dos Campos Gerais habitada por mais de 80% dos habitantes do Território;

c) finalmente, a Região Montanhosa, do extremo norte, que começa nos primeiros contrafortes do sistema orográfico Guiano, aumentando gradualmente de altitude até o Pico do Roraima (2.865ms.).

É uma região de mui difícil acesso porém adaptável a todas as culturas dos climas temperados — apesar de se situar entre os paralelos 40° e 60°; possui além disso, uma *formidável riqueza mineral ainda totalmente desconhecida por isso que, até agora, só houve interesse pelos diamantes que em grande quantidade são extraídos pelos processos mais rudimentares conhecidos* (Em 1943 a produção total de diamantes foi de 44.000 quilates, dos quais 22.000 — ou seja 50% — foram contrabandeados).

Na Região Montanhosa se encontram mais ou menos 10% da população do Território.

Na opinião do Capitão Ene Garcez dos Reis, pode-se representar a distribuição antropogeográfica do Território como que assumindo a forma de uma grande cabeça (os Campos Gerais e a Região Montanhosa) sustentada por uma comprida e sinuosa espinha dorsal que é o eixo de comunicações de todo o Território, o Rio Branco — aliás, o mais importante afluente do Rio Negro.

Isto tem uma importância básica para a ação administrativa do governo: é que, embora pequena a população — pouco mais de 15.000 habitantes

— ela se encontra à margem desse rio fundamental ou nos Campos Gerais, concentrada em adensamentos de volume variável o que facilitará a aplicação dos recursos e dos esforços, sem diluição ou dispersão exageradas, como acontece nas regiões de baixo coeficiente demográfico.

O exame da distribuição antropogeográfica do Território corrobora a afirmativa de que é em torno, ao longo ou nas proximidades dos rios que se esboçam quaisquer tentativas de civilização dessa longínqua região brasileira, reafirmando mais uma vez o papel civilizador dos rios.

LIGEIOS RUDIMENTOS DE GEO-ECONOMIA TERRITORIAL

A exploração econômica dos recursos existentes no Território do Rio Branco é muito rudimentar. Os grupos humanos — quer os situados à ilharga dos rios, quer os localizados na zona dos extensos Campos Gerais e das Montanhas — vivem na fase primitiva do puro extrativismo.

Acontece, porém, ser o Território do Rio Branco tão pródigo em recursos econômicos que, mesmo sem a menor atividade racionalmente conduzida, o volume da produção apresenta algum vulto, sobretudo quando se tem em vista o baixo coeficiente demográfico. O quadro abaixo, baseado em inquérito levado a efeito no local, com as maiores dificuldades, traduz as condições da vida econômica regional (valores relativos aos 2 últimos anos, 1942 e 1943):

CLASSIFICAÇÃO	Em 1942 VALOR (em Cr\$)	%	Em 1943 VALOR (em Cr\$)	%
1 — Produção puramente Extrativa.				
a) Vegetal.....	1.404.583,87	16,7	952.341,05	8,0
b) Animal (couros, peles de animais silvestres)...	146.154,67	1,8	143.203,95	1,2
c) Mineral.....	3.505.000,00	42,1	7.085.117,70	59,6
2 — Produção Agrícola.				
a) Agricultura incipiente..	412.476,00	5,0	446.654,00	3,7
3 — Pecuária.....	2.860.187,85	34,0	3.185.765,75	26,8
4 — Pequena Indústria. (Manufatura de pequenos utensílios domésticos)...	35.500,00	0,4	74.000,00	0,7
	8.392.002,39	100%	11.887.082,45	100%

A análise desse quadro revela toda a estrutura da organização econômico-social do Território. Tomando-se para estudo o ano de 1943, verifica-se que, no total de uma produção calculada em Cr\$ 11.887.082,45:

a) a produção extrativa mineral — diamantes — contribuiu com 59,6% ou seja Cr\$ 7.085.117,70;

b) a pecuária contribuiu com 26,8% ou seja Cr\$ 3.185.765,75;

c) a agricultura apereceu no conjunto com, apenas, 3,7% do total, no valor de Cr\$ 446.654,00;

d) e finalmente, as peles de animais silvestres produziram 1,2%, ou seja, Cr\$ 143.203,95. A pequena indústria deu 0,7%, isto é, a quantia insignificante de Cr\$ 74.000,00.

O que é importante, no entanto, não é o que está explícito nesses dados. Antes, a revelação da pujança, da extraordinária capacidade produtiva da terra riobranquense, as suas infinitas possibilidades econômicas por isso que, até agora, nunca se fez um esforço organizado e consciente de produção racional.

Esse valor — Cr\$ 11.887.082,45 — representa uma produção obtida “in natura”, uma mera “colheita”, uma simples extração de algo existente na terra, sem o menor esforço.

Essa quantia poderá ser multiplicada dezenas de vezes com uma simples mudança de mentalidade e um pequeno esforço do governo, acompanhado de um reduzido investimento de capitais na solução dos problemas de transportes e saneamento.

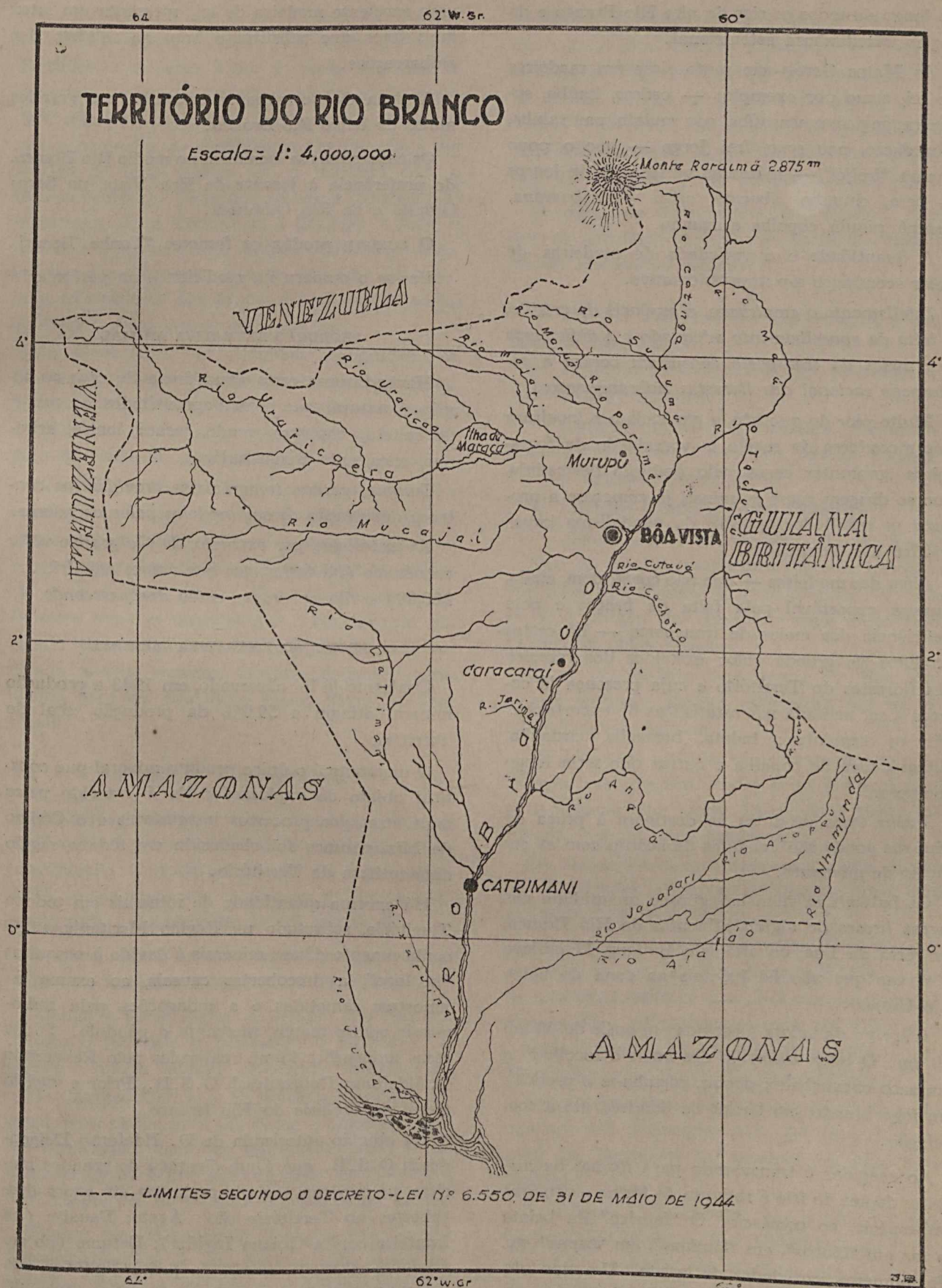
O Território Federal do Rio Branco está predestinado a ser uma das regiões mais ricas e prósperas do continente, caso o Governo Federal se disponha a fazer investimentos de capitais em empreendimentos de sentido reprodutivo; ainda mais, qualquer investimento do Governo Federal, nessa região, produzirá resultados extraordinários e, num curto período de tempo, a União terá esses investimentos devolvidos e multiplicados, numa exuberante demonstração de riqueza e prosperidade.

A União tem no Território do Rio Branco uma fonte preciosa de riquezas as mais variadas e que até agora permaneciam ignoradas.

PRODUÇÃO EXTRATIVA

A indústria extrativa do Território consiste no aproveitamento irracional — porque devastador — de essências e produtos florestais, madeiras para construção, lenha, etc.

As grandes matas do Território se localizam no Baixo Rio Branco e de um modo menos intenso,



ao longo de todos os rios do alto Rio Branco e da região Montanhosa setentrional.

As Matas Gerais são muito ricas em madeiras de lei, como por exemplo: — cedros, itaúba, sucupira, angico, macacaúba, pau mulato, pau rainha, pau darco, pau roxo, frei Jorge — que o povo chama “freijó” — inúmeras variedades de louros — rcsa, chumbo, abacate, aritu — saboarana, nampá, piquiá, copaíba e aguano.

A quantidade e a variedade de madeiras de valor econômico são impressionantes.

Infelizmente o empirismo, a ausência de crédito, a falta de aparelhamento adequado e a deficiência dos meios de transporte conspiram contra a exploração racional das florestas riobranquenses.

Muito pior do que isto, a ganância e a incultura dos moradores da região, a voracidade de forasteiros ignorantes cegos pela ambição desmedida, que se dirigem rumo às minas, já começam a produzir os resultados nefastos do vandalismo impatriótico das derrubadas.

Além das madeiras — que não constituem, ainda, riqueza exportável pela falta de braços e pela deficiência dos meios de transporte — há certos produtos de grande valor extraídos dos recessos das florestas do Território e cuja presença já começa a ser acusada nas estatísticas de exportação. São os seguintes: balata, borracha, castanha, cumarú, óleo de copaíba e outros que seria longo enumerar.

Todos esses produtos se destinam à praça de Manaus aonde são vendidos de acordo com as cotações do momento.

Os balatais existem em grande quantidade nas terras firmes de alguns afluentes do Rio Branco, na serra da Lua, no alto Rio Uailang. É curioso observar que não há balatais na zona do baixo Rio Branco.

A árvore da balata é cortada em anéis de 60 em 60 cm. O latex escorrido dos anéis é recolhido a um saco encauchado; depois, cozinha-se o produto, em fogo brando, em bacias de flandres, até a coagulação.

Ao coagular é transvasado para formas de madeira; depois de frio é retirado da forma e vendido, em espécie, ao comércio. O “fabrico” da balata se faz em “blocos”, em “lâminas”, em “capas” etc. Há inúmeras variedades de balata. Um tipo utilíssimo é a massaranduba jacaré que além de ser

uma excelente madeira de lei, apresenta um latex mais fraco que substitui o breu no calafeto das embarcações.

A zona da borracha se encontra nas grandes matas do baixo Rio Branco.

Os cumarusais se localizam no médio Rio Branco, de preferência à jusante de Boa Vista, na Serra Grande e no Rio Quitauaú.

O cumaru produz os famosos “Tonka Beans”.

Usa-se o cumaru na medicina e na perfumaria

PRODUÇÃO EXTRATIVA ANIMAL

Havendo uma certa abundância de caça na região é natural que sejam aproveitados os couros de caietu, capivara, veado, jacaré, lontra, ariranha, onça, anta e maracajás.

Cumpra, porém, tomar sérias providências contra a devastação dessas espécies pelos caçadores.

As tartarugas, por exemplo, de tão grande valor econômico (há tartarugas que valem até Cr\$. . . . 200,00) e tão saborosas, estão desaparecendo.

PRODUÇÃO EXTRATIVA MINERAL

Conforme já foi observado, em 1943 a produção mineral atingiu a 59,6% da produção total do Território.

O diamante é o único produto mineral que constitui objeto de exploração; ele é extraído pelos mais atrasados processos imagináveis e o Código de Minas nunca foi obedecido em toda a região diamantífera do Território.

Há enorme quantidade de minerais em todo o Território, sobretudo na Região Montanhosa. O conhecimento desses minerais é devido à pesquisas “in loco”, a descobertas causais, ao exame de amostras remetidas e a indagações pela radio-estesia, sobre mapas, mediante o pêndulo. Todas essas indagações foram realizadas pelo Reverendo D. Ildefonso Deigendes O.S.B., Prior e vigário Geral da Prelazia do Rio Branco.

Na opinião autorizada de D. Ildefonso Deigendes O.S.B. que é um cientista de grandes méritos, os minerais mais importantes até agora descobertos no Território são: Ágata; Bauxita (na fronteira com a Guiana Inglesa); Betume (no rio Anauá); calcários; carvão de pedra (indícios, nas imediações da Serra do Tepequem e no curso in-

ferior do Rio Uraricaá); cobre (nos rios Cotingo e Parima); cristal de rocha (em várias partes do Território e às vezes, à flor da terra. Na maioria dos casos, porém os cristais são sujos e de qualidade inferior); diamantes (ao longo de uma faixa que acompanha as cordilheiras do Parima e no sentido do leste avança até a fronteira com a Guiana Inglesa). Os principais rios e igarapés diamantíferos são o Tepequem, o Cotingo, o Maú, o Quinô, o Tacutu, o alto Majari; diatomita; enxofre (no alto Cotingo); estanho (no alto Rio Uai-lang, tributário do Rio Maú); grandes quantidades de mica e ouro; pedras preciosas, etc.

Dizem os Revs. D. Ildefonso Deigendesch e D. Alcuino Meyer que "pelo curso médio dos rios Mucajá e Catrimani, numa extensão aproximada de 200 km. de comprimento por 80 km. de largura há sinais de possantes jazidas de petróleo".

Como não havia no Território nenhum aparelhamento para sondagem os referidos cientistas e missionários beneditinos fizeram exames de anóstras e pesquisas radioestésicas. E' da maior importância para o Brasil que o Conselho Nacional de Petróleo tome as medidas que o caso requer, enviando, com a máxima urgência, para o local indicado os seus técnicos, convenientemente aparelhados, para um cuidadoso exame dessa fabulosa região.

PRODUÇÃO AGRO-PECUÁRIA

A dolorosa realidade é que não há agricultura no Território, tão insignificante é o volume de sua contribuição à produção total. A percentagem 3,7% revela que nem mesmo se produz o suficiente para o consumo da exígua população.

O povo, numa apatia estonteante, prefere recolher das florestas os produtos de que necessita.

Quando a fome aperta há sempre nos rios ddivosos o pirarucu, o tambaqui, o jandiá, o tuncunaré e outras espécies ictiológicas semelhantes.

Os Campos Gerais e as florestas fornecem alguma caça; os igarapés são quase sempre pródigos em tartarugas. Para que trabalhar? pensa o homem da terra. Basta uma "rocinha" de mandioca, com alguns pés de milho e um pouco de tabaco.

Quanto aos "fazendeiros", senhores dos outrora famosos rebanhos do Rio Branco, com raríssimas exceções, estão se dedicando à garimpagem dos diamantes e faiscção do ouro. *Ouro e diamantes*

significam dinheiro rápido, à grande; daí o abandono quase geral das atividades agro-pecuárias e a conseqüente desorganização da economia territorial. Os poucos braços disponíveis são destinados às "minas". Os raros que fazem alguma agricultura primitiva, fazem-na para o consumo da família e, fato curioso, são quase sempre nordestinos.

O exame da distribuição dos "roçados" indica que as atividades agrícolas se localizam, mais ou menos, nos pontos seguintes:

— margem esquerda do Rio Branco, à montante de Boa Vista;

— 2 pontos na margem direita do mesmo rio, perto da Serra Grande;

— margem direita da Uraricoéra: lugares denominados Murupu, Passarão, Serras Taiano e Tabaio, Igarapé Grande, etc.;

— margens e centros do rio Majari;

— alguns pontos nas margens do rio Tacutu.

Não há estudos realizados sobre a fertilidade dos solos riobranquenses; a maioria das "culturas" se faz à margem dos igarapés e lagos perenemente ameaçados pelas cheias.

Só os missionários beneditinos, em Boa Vista, é que praticam alguma agricultura em terrenos adubados com estrume.

Os processos agrícolas são extremamente primitivos; são os mesmos usados pelos índios macuxis e uapichanas que ainda sobrevivem: broca, derubada, queima e encoivramento.

Os riobranquenses plantam, geralmente, mandioca, macacheira, milho, feijão, batata doce, carás, melancias, tabaco e banana.

A cultura do tabaco é a maior da região: sua produção no ano de 1943 atingiu a 57,7% do total da produção agrícola e se faz nos adensamentos demográficos formados em volta do lugar denominado Murupu, no Passarão, à margem do Rio Uraricoéra e nas Serras Taiano e Tabaio.

Quanto aos produtos hortícolas e frutícolas quase que não são conhecidos pois que, na própria capital do Território há absoluta carência desses produtos.

E, todavia, é de espantar esse quadro revelador da pouca ou quase nula produtividade do homem da região: sabe-se que os raros que se dedicam ao amanho da terra são fartamente recompensados pelo seu esforço.

Em relação à produção de origem animal a situação é simplesmente entristecedora.

A pecuária já foi, no Rio Branco, uma grande fonte de riqueza; era, mesmo, a principal origem de suas rendas — atualmente relegada a plano secundário com o aumento da produção mineral.

Localizados na zona dos Campos Gerais os rebanhos do Rio Branco estão desaparecendo. Em 1920 foi estimado o número de bovinos em mais de 300.000 cabeças.

Hoje, porém, graças à apatia dos habitantes, à incúria e à incapacidade dos governos, existem menos de 120.000 cabeças.

Zoonoses e epizootias não identificadas; o sistema rotineiro de criação à solta; o depauperamento das pastagens e o pouco valor nutritivo das atuais forragens; o grande consumo e a exportação para Manaus e Guiana Inglesa; a falta de bons reprodutores para melhoria do gado crioulo introduzido há centenas de anos — é natural que todos esses fatores negativos apressem a extinção de uma riqueza que poderia ser fabulosa.

Ou o Governo Federal vem em socorro do Território com técnicos, arame farpado, silos, sal, mudas e sementes de capins melhores ou, dentro em breve, não haverá uma só cabeça nessa região.

As condições em que se encontra a pecuária riobranquense são, pois, gravíssimas: os rebanhos estão ameaçados de aniquilamento total rápido.

Essa situação angustiosa da pecuária no Território Federal do Rio Branco está a reclamar do Governo medidas enérgicas.

Basta examinar com atenção o quadro abaixo para se ter uma idéia clara do perigo iminente de aniquilamento total em que se encontram os rebanhos dos 50.000 km² dos Campos Gerais.

ANIMAIS EXISTENTES

ESPÉCIES	A N O S			
	1940	1941	1942	1943
1 — Bovinos.....	120.247	180.000	216.000	118.351
2 — Equinos.....	12.073	7.500	7.500	8.817
3 — Asininos.....	64	80	80	10
4 — Muas.....	88	150	150	81
5 — Laníferos.....	1.039	700	840	1.308
6 — Caprinos.....	537	900	1.080	917
7 — Suínos.....	1.794	6.000	6.000	2.191
8 — Aves.....	4.883	8.000	12.000	6.510

Sabe-se que, em 1925, o Território possuía um rebanho de mais de 300.000 reses. A redução, pois, é alarmante.

As Fazendas se localizam, via de regra, nas margens dos rios ou nas proximidades dos igarapés e lagos da região. Os fatores determinantes da situação gravíssima de pecuária riobranquense podem ser enumerados:

a) Pastagens empobrecidas pela falta de sais de cálcio e fósforo, ao que nos declarou o Dr. Vaz Cerquinho veterinário do Ministério da Agricultura conhecedor da região. Não há plantio de espécies forrageiras melhores;

b) falta de cruzamento entre os bovinos nativos com zebus e caracus;

c) por sua vez, os criadores não cogitam de melhoria do gado e das pastagens por causa dos preços baixos insuficientes para o próprio custeio da criação;

d) falta de instrução zootécnica;

e) métodos arcaicos de criação extensiva à solta;

f) as 269 Fazendas de criação existentes no Território não são cercadas com arame farpado e não possuem as indispensáveis instalações (banheiros carrapaticidas, etc.).

A desorganização é tão grande que a capital do Território com uma população de pouco mais de 2.000 almas consome leite, queijo e produtos derivados em quantidades quase infinitesimais; só há interesse pelo consumo da carne (seca e salgada). Manaus e o Guiana Inglesa são os grandes mercados consumidores do gado robrancuense mas, conforme já foi salientado, os preços não são compensadores e o transporte desse gado além de oneroso é feito pelos processos mais atrasados.

Outros fatores ainda não mencionados responsáveis pelo quase aniquilamento da pecuária riobranquense são:

a) a sedução dos diamantes (inúmeros "fazendeiros" abandonaram os currais e os campos pela faiscação do ouro e pela garimpagem);

b) o consumo intensivo da carne de gado, sendo insignificante a pequena criação. Apesar de todas as condições mesológicas serem favoráveis o número de suínos e aves é inexpressivo;

c) inexistência de legislação específica determinando a obrigatoriedade da vacinação periódica.

Muito se poderia dizer, ainda, em relação à pecuária no Território Federal do Rio Branco — suas tristes condições atuais e suas imensas possibilidades de desenvolvimento.

Uma nova orientação técnica e providências imediatas do governo territorial sobre o importante assunto podem resolver o problema satisfatoriamente.

Dessas medidas advirá um progresso surpreendente para todo o norte do Brasil. Com a execução das providências indispensáveis está fora de dúvidas que o Território Federal do Rio Branco abastecerá de gado e derivados a Amazônia, a Venezuela, a Guiana Inglesa e, após a conclusão do Plano Quinquenal terá, na pecuária racionalmente organizada, uma preciosa fonte de rendas. A pecuária passará a ser uma sólida garantia de equilíbrio econômico.

Para chegar a esse resultado o governo do Território já fixou claramente quais os objetivos a atingir e estabeleceu ordens de urgência em relação às medidas a serem tomadas.

Nada ficou esquecido: desde a montagem de um laboratório para estudo e diagnóstico das atuais zoonoses até à aquisição de arame farpado para os criadores, regulamentação da queima dos campos e fomento do serviço de inseminação artificial (por causa do preço quase proibitivo dos reprodutores puros). Ter-se-á uma idéia mais precisa da significação comercial da riqueza animal do Território pelo exame dos quadros abaixo:

EXPORTAÇÃO				
1 — QUANTIDADE				
ESPÉCIE	1942		1943	
	kg	%	kg	%
1 — Gado em pé.....	2.145.000	93,46	2.154.800	96,445
2 — Couro de gado vacuum.....	8.770	0,30	2.611	0,112
3 — Crina animal.....	1.439	0,06	1.776	0,007
4 — Carne Sêca.....	1.265	0,05	2.272	0,009
TOTAL.....	2.157.074	93,87	2.161.459	96,573

EXPORTAÇÃO

2 — VALOR

ESPÉCIE	1942		1943	
	Cr\$	%	Cr\$	%
1 — Gado em pé.....	1.072.800,00	38,42	1.077.400,00	40,61
2 — Couro de gado vacuum.....	17.890,00	0,64	6.144,90	0,23
3 — Crina Animal.....	1.295,10	0,04	6.476,85	0,24
4 — Carne Sêca.....	2.530,00	0,01	4.544,00	0,17
TOTAL.....	1.094.515,10	39,11	1.094.535,75	41,25

Esse quadro se refere à exportação para a praça de Manaus. Segundo dados fornecidos pelo Departamento Estadual de Estatística do Amazonas, entraram em Manaus, provenientes do Território do Rio Branco:

em 1942 5.364 cabeças
em 1943 5.387 cabeças

A exportação de gado em pé para o exterior (Venezuela e Guiana Inglesa) no último triênio foi a seguinte:

em 1941 640 cabeças
em 1942 754 cabeças
em 1943 505 cabeças

Esses são os dados apurados *in loco*.

Há a acrescentar, porém, uma elevada percentagem, embora incógnita: a exportação clandestina que, no consenso geral, é muito grande.

Nos quadros acima não se levou em conta a produção total do próprio Território mas, exclusivamente, a exportação. E' excusado dizer essas quantidades aumentariam sensivelmente se fôssem incluídos os valores do consumo local.